



SOBRE A HISTÓRIA DE UMA REVISTA: MATERIALIDADE E PLURALIDADE TEMÁTICA

■ MARIANA ARAUJO LAMEGO ¹

¹ Professora Adjunta do Departamento de Geografia Humana e Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura. E-mail para contato: marilamego@gmail.com

■ ANDRÉ REYES NOVAES ²

² Professor Associado do Departamento de Geografia Humana e Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail para contato: andrereyesnovaes@gmail.com

■ JEFFERSON R. DE OLIVEIRA ³

³ Pós-doutor / doutor e mestre em geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ. É professor da Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC / RJ); Professor Universitário na área de orientação educacional na *Laureate International Universities*. E-mail para contato: jeffersongeouerj@yahoo.com.br

Recebido em: 10/07/2020

Aprovado em: 22/01/2021



Resumo: O texto apresenta uma história da Revista Espaço e Cultura considerando sua materialidade que compreende seu contexto de produção, circulação e recepção. Propõe uma periodização da revista considerando como marcos, as transformações pelas quais passou, tanto em seu conteúdo, com a ampliação da participação de autoras e autores e a dinamização e multiplicação de temáticas, como também transformações em relação aos seus formatos e identidades visuais. Na segunda parte do texto, são exploradas de modo mais detalhado três temáticas que marcam essa história de 25 anos da publicação. Os temas dos estudos da religião em sua dimensão espacial, as representações e as imagens e as questões conectadas ao gênero e à sexualidade.

Palavras chaves: Espaço e Cultura; Materialidade e Representação; Religião; Imagem; Gênero e Sexualidade

ON A JOURNAL HISTORY: MATERIALITY AND THEMATIC PLURALITY

ABSTRACT: THE TEXT PRESENTS A HISTORY OF THE ESPAÇO E CULTURA JOURNAL CONSIDERING ITS MATERIALITY AND ITS CONTEXT OF PRODUCTION, CIRCULATION AND RECEPTION. THE TEXT PROPOSES A JOURNAL PERIODIZATION CONSIDERING AS MILESTONES THE TRANSFORMATIONS IT HAS UNDERGONE, BOTH IN ITS CONTENT, WITH THE EXPANSION OF THE PARTICIPATION OF AUTHORS AND THEMES DYNAMIZATION, AS WELL AS TRANSFORMATIONS CONCERNING ITS DESIGN AND VISUAL IDENTITIES. IN THE SECOND PART OF THE TEXT, THREE THEMES THAT MARK THIS 25-YEAR HISTORY OF PUBLICATION ARE EXPLORED IN MORE DETAIL: THE STUDIES OF RELIGION IN THEIR SPATIAL DIMENSION, THE REPRESENTATIONS AND IMAGES AND THE ISSUES CONNECTED TO GENDER AND SEXUALITY.

KEYWORDS: ESPAÇO E CULTURA; MATERIALITY AND REPRESENTATION; RELIGION; IMAGE; GENDER AND SEXUALITY.

SOBRE LA HISTORIA DE UNA REVISTA: MATERIALIDAD Y PLURALIDAD TEMÁTICA

RESUMEN: EL TEXTO PRESENTA UNA HISTORIA DE LA REVISTA ESPAÇO E CULTURA CONSIDERANDO SU MATERIALIDAD QUE CONSTITUYE SU CONTEXTO DE PRODUCCIÓN, CIRCULACIÓN Y RECEPCIÓN. PROPONE UNA PERIODIZACIÓN DE LA REVISTA CONSIDERANDO COMO HITOS, LAS TRANSFORMACIONES QUE HA SUPERADO, AMBAS EN SU CONTENIDO, CON LA AMPLIACIÓN DE LA PARTICIPACIÓN DE AUTORES Y LA DINAMIZACIÓN Y MULTIPLICACIÓN DE TEMAS, ASÍ COMO IDENTIDADES Y TRANSFORMACIONES EN RELACIÓN CON LAS IDENTIFICACIONES. EN LA SEGUNDA PARTE DEL TEXTO SE EXPLORAN CON MÁS DETALLE TRES TEMAS QUE MARCAN ESTA HISTORIA DE 25 AÑOS DE PUBLICACIÓN. LOS TEMAS DE LOS ESTUDIOS DE RELIGIÓN EN SU DIMENSIÓN ESPACIAL, LAS REPRESENTACIONES E IMÁGENES Y TEMAS SOBRE GÉNERO Y SEXUALIDAD.

PALABRAS CLAVE: ESPAÇO E CULTURA; MATERIALIDAD Y REPRESENTACIÓN; RELIGIÓN; IMAGEN; GÉNERO Y SEXUALIDAD.

Introdução

No estranho (para dizer o mínimo) ano de 2020, a Revista E&C completou 25 anos de existência. Não são poucos anos de existência em se tratando de uma publicação. Na geografia brasileira, poucas revistas atingiram tal marca. A Revista Brasileira de Geografia, publicada sob a chancela do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, é a mais anciã das nacionais, com seus já bem vividos 81 anos, ainda que um hiato de 10

anos tenha nos privados de suas edições entre 2006 e 2016. Outros exemplos significativos são as revistas vinculadas a Associação de Geógrafos Brasileiros, como o Boletim Paulista de Geografia, que teve seu primeiro número publicado em 1949 e em 2020 atingiu a impressionante marca de 104 números publicados. E a Revista Terra Livre, que foi fundada em 1986 e chegou recentemente aos seus 34 anos de idade superando o fabuloso número de 50 edições.

Dois fatores podem ser aventados para explicar a longevidade das publicações acima mencionadas. Em comum, são revistas cuja produção não se restringe a um departamento ou mesmo um núcleo de pesquisa, contando com o suporte de associações e instituições que extrapolam um contexto departamental. Além disso, tratam-se de revistas sem limite temático, ou seja, são abertas aos mais variados temas e espectros de abordagens e concepções desenvolvidas no âmbito da geografia no Brasil. A E&C não se enquadra nesses dois elementos. Desde sua primeira publicação em 1995 foi produzida pelo e no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura (NEPEC), vinculado ao Instituto de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Como apontam Rosendahl e Correa (2020) no texto de apresentação do primeiro volume desta edição comemorativa, trata-se de uma publicação com um “genius loci” e um “genius temporis” bastante delimitado. Outrossim, a E&C nasce com um recorte temático evidente, abrigando pesquisas e reflexões teórico-metodológicas sobre as dimensões da cultura no espaço.

É entendendo a importância da longevidade e da natureza da E&C, que esse texto cumpre efetivamente duas funções. A primeira de deixar o registro de uma história e com isso legar às futuras gerações de leitores (porque sim, a Espaço e Cultura há de ser centenária!) uma narrativa que procura reunir um pouco do contexto, um tanto dos fatos, das coisas e da gente que tornou essa revista o que hoje dela podemos sustentar: a pioneira na difusão de estudos em geografia cultural em terras brasileiras e primeira revista publicada sob a chancela do (hoje) Departamento de Geografia Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A segunda função desse texto é oferecer uma análise da trajetória até aqui e das possibilidades a partir de então de três eixos temáticos que se fizeram presentes na revista: as abordagens culturais das religiões, das imagens e das relações entre espaço e gênero. Esses temas certamente não abarcam toda a diversidade presente nos textos publicados na E&C, e um levantamento mais plural e abrangente foi oferecido por Rosendahl e Corrêa (2020), classificando os textos da revista em 17 categorias.

De gibi às plataformas digitais

Em uma narrativa histórica descorporificada ficam os objetos e as pessoas invisíveis. As ideias e os pensamentos parecem flutuar para, como num passe de mágica, se reunirem em formulações teóricas, metodologias e conceitos sem coisa ou corpo que os assentem no tempo e no espaço obedientes a uma cronologia simplificada. Não é essa a narrativa que a Revista Espaço e Cultura merece ou precisa.

Criada como materialidade, com dimensões específicas, com textura, peso e até um leve cheiro de tinta, a primeira edição da Espaço e Cultura ganhou o apelido carinhoso de gibi. Seus 21 centímetros de comprimento por 15 centímetros de largura, seu papel de gramatura fina, suas 112 gramas de peso e seu recheio de 42 páginas A4 dobradas ao meio e grampeadas, dão à primeira revista brasileira sobre geografia cultural um certo ar infanto-juvenil que, se explica seu apelido, não combina com seu delicado e sofisticado design da capa, com letras finas e elegantes, bem espaçadas, entremeadas por fortes desenhos que indicam uma xilogravura que nos remetem a motivos de civilizações antigas.

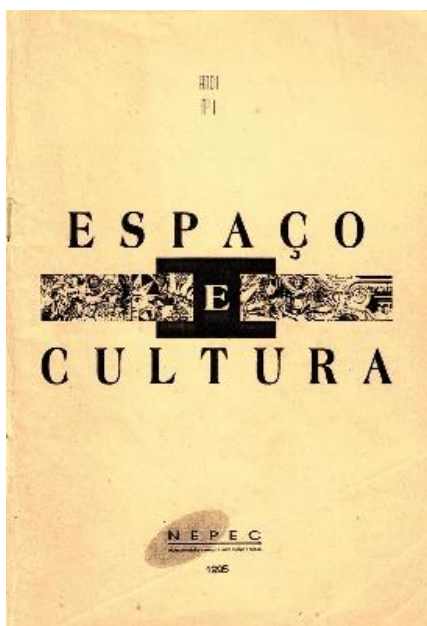


Figura 1. Edição de número 1 da Revista Espaço e Cultura de 1995 com seu design minimalista.

Não foram poucas as pessoas que participaram desse número, e não nos referimos somente àquelas que preenchem suas páginas, autoras e autores dos artigos. Um grupo de bolsistas e pesquisadores vinculados ao NEPEC tornou possível a materialidade da revista. A editoração foi feita por Virgínia Lucia Araujo, os artigos revisados por Ednês dos Santos, Eliane Ferreira, Roseli Moraes de Vasconcellos. A arte da capa foi feita pela

bolsista Barbara Copque, então graduanda em antropologia. Mas foram as mãos da bolsista Mariia Ângela Pires Esteves, além da própria Zeny Rosendahl, coordenadora do NEPEC e a figura central dessa longa história, que grampearam as 100 edições impressas nas impressoras de jato de tinta do núcleo, numa produção caseira.

A história do nascimento deste gibi foi compartilhada repetidas vezes entre as muitas bolsistas e muitos bolsistas que passaram pelo NEPEC. Ao imaginar a elaboração desse artefato 25 anos depois de seu surgimento, uma pergunta curiosa nos vem à mente: o que será que imaginavam as pessoas envolvidas naquele momento, naquela feitura à mão de uma das revistas mais longevas e conhecidas sobre geografia cultural no Brasil? Imaginavam que tomavam parte de um momento histórico? São esses elementos, que entrelaçados uns aos outros criando uma rede de acontecimentos cujo sentido se costura e se organiza num posteriori, que tornam tão interessantes as muitas histórias das ciências.

A fundação do NEPEC em 1993, a defesa da tese de Zeny Rosendahl na Universidade de São Paulo em 1994, a publicação da primeira edição da E&C em 1995 e a organização do I Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura em 1998, são acontecimentos próximos no tempo, intensamente entrelaçados que reunidos evidenciam o desenvolvimento de uma geografia autodeclarada cultural no Brasil. É no contexto de irrupção de novas formas de pensar e produzir geografias humanas no Brasil que precisa ser entendida a produção do nosso gibi, que no seu primeiro número contava com textos de Zeny Rosendahl, Roberto Lobato Corrêa e João Baptista Ferreira de Mello. Após o lançamento da revista, o NEPEC viu crescer seu ciclo de afinidades, efeitos do sucesso do primeiro simpósio de 98, que refletiu-se na multiplicação de textos na E&C, formando uma rede de pesquisadores de diferentes universidades brasileiras e estrangeiras. A tradução de textos seminais de autores franceses e ingleses e a publicação de pesquisas produzidas em um cenário nacional em expansão justificaram o crescimento do número de artigos publicados na revista. A E&C crescia a olhos vistos, e já não mais cabia dentro de um gibi.

Uma nova materialidade surge nos anos subsequentes ao lançamento do primeiro número da E&C. O primeiro formato, que hoje é conservado como relíquia devido aos poucos exemplares restantes, teve seu design devidamente repaginado, feito por novos parceiros, como Ely Severiano, nosso querido Bel da gráfica da UERJ, citado com carinho no texto de Rosendahl e Corrêa (2020). Para além da sala 4007 no Bloco D, onde fica o NEPEC, a produção da revista agora envolvia outros espaços e atores da

Universidade, tornando os subsolos da gráfica universitária um novo forno de onde saíam as revistas cheirando a tinta. Neste processo, as dimensões dobraram e a publicação passou a medir 28 x 12 centímetros, possibilitando que os textos ocupassem a extensão inteira de uma folha A4, com seu texto distribuído em coluna dupla. A nova E&C dobrou de peso, passando para a média de 250 gramas por edição (figura 2).

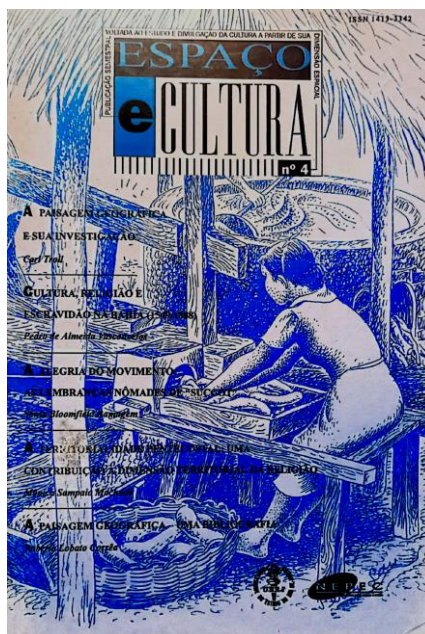


Figura 2. Capa da Edição de número 4, de 1997, com a imagem de Percy Lau matizada em azul.

A capa da E&C ganhou nova aparência, e passou a trazer a a gravura “Fabricante de Farinha” feita pelo desenhista do IBGE Percy Lau. A imagem em preto e branco, originalmente publicada na Revista Brasileira de Geografia em 1948, passou a ser colorida na capa da E&C, aparecendo em matizes amarelo, azul, vermelho, verde, púrpura, ganhando uma identidade visual que, junto aos “livrinhos coloridos” da coleção Geografia Cultural da EdUERJ (uma outra história a ser escrita futuramente), a fazia ser reconhecida nas hoje saudosas banquinhas de livros e revistas espalhadas pelos congressos de geografia no Brasil. Mesmo tendo sua impressão na gráfica universitária, a revista era ainda criada e distribuída de forma semiartesanal e voluntarista. A composição de textos passa a refletir sua inserção internacional capitaneada por Zeny Rosendahl e Roberto Lobato, trazendo contribuições de autoras e autores renomados e emergentes que participaram dos bianuais Simpósios Internacionais sobre Espaço e Cultura. Agrupando contribuições provenientes do Brasil, da América Latina, dos

Estados Unidos e da Europa, a revista combinou traduções e textos originais mantendo qualidade e interesse que justificaram sua intensa circulação na época.

Na entrada dos anos 2000 a E&C já é reconhecida pelos pares como uma referência para o campo da geografia cultural, da geografia da religião e da geografia humana. Seu novo status também acarretará em nova transformação em seu conteúdo e design. Uma primeira geração de pesquisadoras e pesquisadores formada, ou ainda diretamente influenciada, pelo NEPEC e por seus simpósios chega às páginas da revista, evidenciando o desdobramento e a renovação das abordagens culturais na geografia brasileira. Jovens estudantes de pós-graduação passaram a contribuir para a revista, tornando-a um importante fórum de divulgação das pesquisas feitas no NEPEC e demais núcleos de investigações em geografia cultural que nasceram em diferentes lugares no país.

Agrupando mais artigos, algumas edições, como a 17 e a 18, ganham mais páginas e peso superando os 300 gramas. Uma nova mudança é feita na capa, saindo o traço de Percy Lau para a chegada da imagem de um detalhe da “A Primeira Missa no Brasil”, célebre pintura de Victor Meirelles, datada entre 1859 e 1861. Carlota Rios passa a assinar o projeto gráfico da capa e a capacidade técnica de impressão da gráfica da UERJ é claramente desenvolvida ao longo dos anos de publicação, viabilizando elegantes brochuras (figura 3). Apesar da introdução de novos autores, dentre eles estudantes em programas de programas de pós-graduação em geografia, a revista seguiu publicando textos de pesquisadoras e pesquisadores renomados, atuantes nas principais universidades brasileiras. As traduções já não tinham a mesma centralidade, mas a publicação de autoras e autores franceses e ingleses segue como prática corrente na revista.

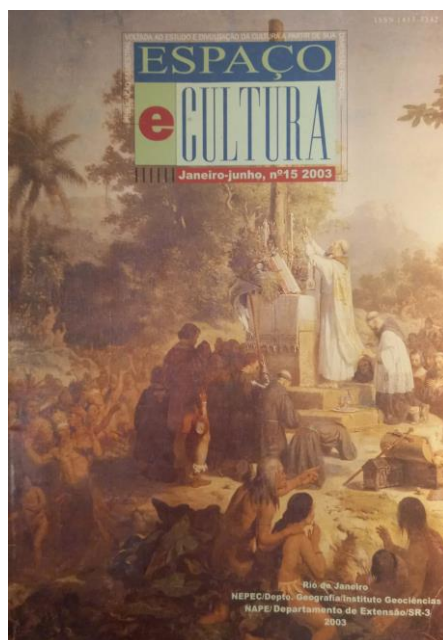


Figura 3. Edição de número 15, de 2003, trazendo detalhe da pintura de Victor Meirelles.

Sabemos que não é tarefa corriqueira manter uma revista científica por muito tempo, considerando principalmente as condições impostas muitas vezes aos financiamentos para universidades públicas em nosso país, por isso é digno de nota, ter a E&C atravessado os anos 2000 com publicações regulares, sempre alimentadas pelos Simpósios Internacionais sobre Espaço e Cultura além de participações de pesquisadoras e pesquisadores em diferentes níveis de formação, que tinham na revista importante fórum de troca de ideias. Ao mesmo tempo em que reforçava o ciclo de afinidades com aquelas e aqueles que contribuíram com a revista desde sua origem, a rede de colaboradoras e colaboradores segue em franco espraiamento na segunda década dos anos 2000.

A incorporação de novos editores é um elemento que nos ajuda a entender esse processo. Se, na primeira década dos anos 2000, pesquisadoras e pesquisadores influenciados e formados pelo NEPEC passaram a publicar nas páginas da revista, na segunda década também são incorporados como editores. Os três editores que assinam esse editorial participaram intensamente dos Simpósios Internacionais sobre Espaço e Cultura na primeira década dos anos 2000 e também publicaram artigos na revista durante este período. Mariana Lamego, hoje docente do Departamento de Geografia Humana da UERJ e atual coordenadora do NEPEC, foi bolsista do núcleo de 1999 a 2004, e além de atuar na comissão organizadora dos simpósios, assinou seu primeiro artigo na E&C em 2004, resultado de sua pesquisa de iniciação científica sob a orientação

da professora Zeny Rosendahl. Jefferson R. de Oliveira também foi bolsista do NEPEC e tem sua trajetória de formação toda vinculada ao núcleo, engajado em pesquisas no campo da geografia da religião. Jefferson assina seu primeiro artigo na E&C durante a realização do seu mestrado em 2010. Já André Reyes Novaes, mesmo estudando em outra instituição durante sua formação, frequentou os Simpósios Internacionais sobre Espaço e Cultura desde 2002 e publicou o seu primeiro artigo na E&C em 2011, já como professor do Departamento de Geografia Humana da UERJ. O cruzamento destas trajetórias abre um novo momento na editoração da revista.

O primeiro número editorado por Mariana Lamego e André Reyes Novaes em 2013 foi lançado em um momento muito especial, quando o NEPEC completava 20 anos de existência. Um evento comemorativo foi organizado na UERJ e duzentas edições E&C foram impressas na gráfica da Universidade para a ocasião. Colegas que adquiriram a revista naquela tarde de calor na zona norte do Rio de Janeiro perceberam continuidades e mudanças na publicação, agora com a chegada de novos editores. A identidade visual do conteúdo foi mantida, mas a capa foi ilustrada com a obra “Variáveis” da artista plástica Ana Bella Geiger, elaborada em 1977, na qual as linhas de coordenada extrapolam o enquadramento de um mapa-mundi em projeção Mercator (figura 4). A partir dessa revista, cada nova edição ganhava um novo design de capa, atendendo à proposta dos dossiês, estes também uma novidade dessa nova fase, resultado da explosão de pesquisas no campo das abordagens culturais na geografia humana. A edição 33 abre com textos de Zeny Rosendahl e Paulo Cesar da Costa Gomes em colaboração com Letícia Parente Ribeiro, o que evidencia como os ciclos de afinidades que constituem a história da revista seguem ativos e renovados. Os demais textos e traduções também mostram a ampliação das redes de colaboração, o que fica evidente, por exemplo, no *post scriptum* para o debate sobre imagens feito pelo geógrafo britânico Felix Driver.



Fig 4. A edição de número 33, publicada em 2013, com a imagem da obra de Ana Bella Geiger.

A materialidade dos duzentos exemplares publicados para a comemoração dos 20 anos da E&C em 2013 ainda fazia todo o sentido para os editores e os leitores no início da segunda década do século XXI. No entanto, o peso do volume, passando de 600 gramas, seu custo de produção, somados ao cada vez maior número de consultas às edições anteriores da revista, então digitalizadas e tornadas disponíveis na plataforma de publicações eletrônicas da UERJ desde 2011, evidenciavam a chegada de uma nova fase na história da E&C. Nascida como um gibi, que veio ganhando corpo e peso ao longo dos anos, a E&C finalmente se desmaterializa e suas edições passam para o formato digital. Esta mudança traz em sua esteira novas alterações no design que procuram em alguma medida atender às demandas dos novos tempos, como a extinção das tradicionais colunas duplas que caracterizavam os textos, mas que dificultam sua leitura em plataformas digitais. Se por um lado sentimos falta do cheiro da tinta e da emoção ao buscar as pesadas embalagens contendo exemplares revistas novas na gráfica situada nos subsolos da UERJ, por outro lado, sabemos que a circulação e a recepção da E&C foram expandidos e potencializados em função de sua passagem ao formato digital.

Agora, com alguns cliques, a leitora e o leitor acessam a nossa história, visualizando ou fazendo o download gratuito de todas as edições publicadas desde aquele primeiro gibi concebido por Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. Uma história viva, aberta aos encontros, em um legado muito significativo não somente para quem esteve diretamente envolvida e envolvido em sua produção como também para muitas

pesquisadoras e pesquisadores das abordagens culturais na geografia humana. Ao longo dessa longa e bonita história, uma miríade de temas recebeu atenção em novas abordagens e contribuições, o que pode ser visto no belo texto que introduz o primeiro volume da edição comemorativa de 25 anos, assinado por Rosendahl e Correa (2020). Seguimos trabalhando para que esse movimento nunca cesse, e que temas novos encontrem lugar nas páginas da E&C e que novas abordagens realimentem temas clássicos de pesquisa. Desse universo tão plural, sentimo-nos compelidos a dar destaque a três eixos temáticos, que nos tocam mais especificamente, apresentando as trajetórias de temas como religião, gênero e as imagens ao longo da história da revista.

Religião, Imagens, Gênero e muito mais!

Os estudos sobre religiões em seu entrelaçamento com o espaço social ganharam lugar de destaque na E&C desde seu primeiro número e o desenvolvimento da revista coincide com o processo de gênese, florescimento e difusão da Geografia da Religião no Brasil. Certamente já existiam experiências anteriores com a temática na geografia, considerando, por exemplo, a tese de doutorado da geógrafa Maria Cecília França (1972). Ao analisar pequenos centros paulistas de funções religiosas, a preocupação da autora não era aplicar uma abordagem cultural focada nos significados, pois sua metodologia se baseava em pesquisas quantitativas com levantamento de dados e informações sobre os santuários. Um marco importante para a gênese daquilo que iria se tornar a Geografia da Religião no Brasil foi a entrada de Zeny Rosendahl no curso de doutorado da Universidade de São Paulo. Foi através de incentivos do amigo e colega antropólogo José Flávio Pessoa de Barros, que Zeny iniciou um interesse contínuo pelo estudo da espacialidade da religião e sua organização no espaço.

Zeny Rosendahl defendeu sua tese de doutoramento em 1994, sob o título “Porto das Caixas: Espaço Sagrado da Baixada Fluminense” (ROSEND AHL, 1994), oferecendo uma contribuição seminal para aquilo que mais tarde se consolidaria como o campo da Geografia da Religião. O que diferencia o trabalho de Rosendahl para o de França, publicado mais de dez anos antes, é a perspectiva da Geografia Cultural Pós-1980 e sua preocupação em estudar um santuário através da dimensão do sagrado no lugar. Em suas pesquisas, a autora considerou a espacialidade e os rearranjos espaciais oriundos das diferentes formas, funções, processos e estruturas (SANTOS, 2006), ou seja, as formas

simbólicas espaciais religiosas (CORRÊA, 2007; FRANGELLI, 2015; ROSENDAHL, 2018).

A partir de sua tese, a autora produziu seu primeiro livro em 1996 “Espaço e Religião: uma abordagem geográfica” (ROSENDAHL, 2002), que veio a se tornar a gênese para o nascimento de um dos maiores sucessos de venda da EdUERJ, a Coleção Geografia Cultural que hoje conta com mais de 23 livros publicados. Antes do fim do seu doutoramento em 1994, Zeny Rosendahl já havia fundado em 1993, o Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura, o NEPEC, um espaço antes ocupado como depósito de almoxarifado de material inservível do departamento de geografia. Com o NEPEC, a sala ganha um novo uso, uma nova função, passando a ser o lugar da gênese do principal núcleo de pesquisas sobre Geografia Cultural e Geografia da Religião no Brasil e América Latina. Esse lugar passa a ser, não um lugar de conflito, como na perspectiva de Norton (2000), mas na visão humanista de Tuan (1980) e Relph (1976, 2012), onde o NEPEC, se torna o “lugar onde fluem as ideias e se escreve sobre elas” (ROSENDAHL, 2013).

Foi essa trajetória e a parceria fundamental com o geógrafo Roberto Lobato Correa que culminou na criação da E&C em 1995, inaugurando um importante suporte para a difusão dos estudos da religião na Geografia (ROSENDAHL, 1994, 2002, 2009, 2012, 2013, 2018). O primeiro artigo da revista inaugural foi assinado por Zeny Rosendahl e o texto propunha um recorte sistemático para o campo de pesquisa: “Geografia da Religião: uma proposta”. Em um segundo momento da revista, podemos destacar a difusão de textos de autores estrangeiros que realizaram pesquisas no campo da Geografia da Religião em países como os Estados Unidos, Alemanha, França, Singapura, Japão, entre outros. Essas referências foram importantes para a formação de um campo no Brasil. A estratégia das traduções foi intensamente utilizada neste caso, possibilitando maior difusão geográfica. Autores como David Sopher (1967), Russel King (1972), Büttner (1985), Lily Kong (1990), Chris Park (1994, 2004), Paul Fickeler (1999), entre outros, ficaram conhecidos tanto pela Espaço e Cultura, como pelas pesquisas e revisões bibliográficas generosas realizadas por Zeny Rosendahl.

Como identificado na seção anterior, os pesquisadores formados e influenciados pelo NEPEC começam a aparecer mais intensamente nas páginas da E&C na primeira década dos anos 2000. Este fenômeno ocorreu inicialmente tendo a religião como temática principal e os Simpósio Internacionais sobre Espaço e Cultura garantiram uma continuidade e uma intensa vitalidade da temática na revista. Com a criação dos Grupos

de Trabalho nos simpósios observamos uma grande diversificação dos trabalhos sobre geografia e religião. Além disso, ampliam-se as redes de pesquisa incorporando contribuições de geógrafas e geógrafos da América Latina e alhures. Essa diversificação fica também marcada nas páginas da E&C, onde se publica uma série de artigos sobre peregrinações tradicionais e hipermodernas, hierópolis, santuários, práticas e ritos de diferentes religiões, espaços e lugares sagrados, corpos, itinerários simbólicos. Por meio de novas abordagens e fenômenos, observa-se que as religiões romperam com seus espaços físicos e espraiaram seus domínios e territórios para os espaços virtuais com o aumento das interações e conexões geradas pelo ciberespaço e a mídia (OLIVEIRA, 2019). Atualmente, a E&C oferece uma polivocalidade e uma pluralidade na análise da espacialidade do sagrado, no tempo e no espaço.

O estudo das imagens e da cultura visual certamente não teve a centralidade dos estudos da religião na história da E&C. Como destacado por Rosendahl e Corrêa (2020), o tema da religião concentrou 108 artigos na história da revista, muito à frente do segundo tema mais frequente, que agrupou 37 artigos referentes a paisagens culturais. As imagens, somando-se com os artigos sobre cinema, alcançaram 14 trabalhos, evidenciando que, embora incipiente, a temática encontrou terreno fértil para o seu desenvolvimento nos Simpósios Internacionais sobre Espaço e Cultura. Outra consideração importante é que muitos trabalhos são de difícil classificação, pois como ressaltaram Rosendahl e Corrêa (2020, 13), os temas em geografia cultural “não são mutuamente excludentes e interpenetram-se”. Este fato possibilita a identificação dos estudos sobre cultura visual em pesquisas classificadas em outras temáticas.

Os estudos sobre Paisagem Cultural, por exemplo, muitas vezes ofereceram debates metodológicos e temáticos sobre o estudo das imagens. No primeiro número da E&C, Roberto Lobato Corrêa apresentou as paisagens simbólicas como um tema fundamental para a Geografia Cultural, trazendo a descrição e a interpretação das imagens como uma ferramenta crucial nas pesquisas geográficas. Utilizando as tipologias de paisagens criadas pelo geógrafo britânico Denis Cosgrove, Corrêa descreve e interpreta paisagens dominantes e alternativas no Brasil, identificando padrões espaciais nas paisagens de cemitérios, acampamentos hippies, comunidades rurais, entre outras. O foco no significado das paisagens intensificou o interesse pela aplicação de metodologias visuais na geografia cultural no Brasil e alhures. Outros temas elencados no levantamento, como formas simbólicas e imaginário espacial também certamente apresentam potenciais entrecruzamentos com a temática das imagens.

O primeiro texto a elencar um grupo de imagens como objeto de estudo nas páginas da E&C aparece no número 5 da revista, publicado em 1998, com o texto assinado por Jorge Luiz Barbosa intitulado “Paisagens americanas: Imagens e Representação do *Wilderness*”. A paisagem, majoritariamente concebida como uma materialidade concreta, se desmaterializa em paisagens fílmicas, ou, como diz o autor, se transforma em “pura imagem”, possibilitando uma análise crítica do *wilderness* norteamericano. Este tipo de abordagem sobre as paisagens, que entende a produção de imagens cinemáticas e paisagens materiais como um processo contínuo e interligado, volta a aparecer com maior intensidade na E&C apenas no número 13 da revista, publicado em 2002. O artigo de Maria Helena Braga e Vaz da Costa sobre “Espaço, tempo e a cidade cinemática” também buscou explorar a paisagem dos filmes e seus impactos na experiência urbana contemporânea. Este foi o primeiro de uma série de textos que a autora publicou na revista em 2003, 2011, 2014 e 2016, sempre explorando os filmes como objeto de estudo nas suas pesquisas.

Os debates sobre imagens vão se adensando e se diversificando com o passar dos Simpósios Internacionais sobre Espaço e Cultura. As paisagens são revisitadas enquanto “cenários”, no trabalho de Paulo Cesar da Costa Gomes (2004) e novos aspectos da sua “retórica” são explorados por Caio Augusto Amorim Maciel (2009). Os estudos sobre cinema seguem importantes (SANTOS, 2009) e as paisagens são exploradas nas pinturas e nas artes (LIRA, 2011). Além disso, novas reflexões teórico metodológicas sobre geografia e a primazia do “visual” também ganham as páginas da revista (NOVAES, 2011). De certa forma, a revista número 33, publicada em 2013 como o primeiro dossiê sobre imagens publicado na E&C, apenas colheu o fruto de uma intensificação crescente nas pesquisas sobre visualidade dentro dos simpósios. Como é evidente na coleção de textos, muitos novos objetos entram em cena, como vídeo games (ALVARENGA, 2013), revistas (IORIO, 2013) e novelas (NAME, 2013) e há uma intensificação nas reflexões teóricas e metodológicas ganharam corpo, com trabalhos sobre a produção de imagens na pesquisa em geografia (GOMES e RIBEIRO 2013) e sobre trocas interdisciplinares entre geografia e história da arte (NOVAES, 2013).

No volume 33 da E&C também há considerável centralidade nas traduções, principalmente com o texto da geógrafa britânica Gillian Rose (2013), que no seu artigo publicado originalmente na revista *Antipode* indagava “sobre a necessidade de se perguntar como, exatamente, a geografia é uma disciplina visual”. Inspirados em edições anteriores da E&C, que traduziram debates sobre artigos fundamentais na renovação da

geografia cultural (Duncan, Mitchell, Cosgrove), também foram traduzidos os comentários sobre o texto da autora, considerado como sintoma de um ciclo rico de reflexões sobre a visualidade na disciplina (Ryan, Driver Rose). A publicação desta edição também representa um momento de consolidação do debate sobre cultura visual nos Simpósios Internacionais sobre Espaço e Cultura, representado em mesas temáticas e grupos de trabalho. Esses debates naturalmente chegam as páginas da E&C em outras edições.

No número 39, publicado em 2016, se organiza um número sobre cultura visual tendo a história da cartografia como temática central de alguns artigos e traduções. Os mapas já vinham sendo debatidos nos simpósios em edições anteriores, por meio das apresentações de autores como Jorn Seemaan e André Reyes Novaes, mas neste número é a primeira vez que se traduz uma série de textos que debatiam especificamente as relações entre cultura e história da cartografia. Novamente os editores da E&C privilegiaram traduções conjuntas, que possibilitam os leitores a confrontarem ideias e acessarem os debates teóricos realizados em um momento histórico específico. A tradução dos textos escritos por Mathew Edney, Christian Jacob e Catherine Delano Smith, que de diferentes formas questionam a ideia de “progresso” e reivindicam uma “história cultural” dos mapas, oferta ao público brasileiro textos que abrem novos olhares sobre a cartografia e suas relações com a geografia.

Neste mesmo número novos autores também são incorporados, evidenciando como o NEPEC seguiu expandindo suas redes de colaboração. Autores como Veronica Hollman, Breno Viotto Pedrosa e Wenceslao Machado de Olivera Junior publicam pela primeira vez na revista e uma nova geração formada nos grupos de trabalho sobre imagens dos simpósios também aparece nas páginas da revista (BARBOSA, 2016, MONTEIRO, 2016 e RODRIGUES, 2016). Os debates sobre cultura visual atingem, portanto, um patamar bastante consolidado. Mesmo não tendo centralidade nas publicações da E&C, esta temática foi constantemente trabalhada nos simpósios, o que garantiu a publicação de pesquisas originais e contribuiu para solidificar o campo de pesquisa na geografia brasileira.

Uma temática que também aparece de forma muito significativa no levantamento feito por Rosendahl e Correa é a questão do gênero e da sexualidade, contando com 28 artigos na E&C. Essa temática também apresenta uma zona de intersecção e entrelaçamento, e quando juntamos os artigos sobre identidades territoriais e grupos étnicos forma-se um eixo temático que alcança a segunda posição em número de artigos

publicados, com 48 textos. A questão da identidade foi discutida por diferentes perspectivas desde o início da revista. No terceiro número, publicado em 1997, Rogério Haesbaert propunha uma reflexão sobre as relações entre território, poesia e identidade e o termo aparece no trabalho de muitos autores debatendo exílio (GOMES, 1998), religião (RAMAGEM, 1998), etnias (RATTS, 2004), futebol (MASCARENHAS, 2005) e movimentos sociais (CÂMARA, 2005).

Dialogando com os trabalhos sobre identidade em muitos aspectos, as discussões de gênero ganharam destaque crescente nos Simpósios Internacionais sobre Espaço e Cultura. A revista publica pela primeira vez um texto sobre o espaço cotidiano feminino com o trabalho de Joseli Maria Silva publicado no volume 22 em 2007. Neste número da revista a autora introduziu a temática do gênero em meio a muitos outros assuntos, pois os textos exploravam temas variados como as relações entre geografia e antropologia (HOEFLE, 2007), as rodas de capoeira (FERRACINI e MAIA, 2007) e espaços públicos (VALVERDE, 2007). Três anos mais tarde, quando a autora publica nova contribuição sobre geografia e gênero no volume 27 lançado em 2010, ela já não estava sozinha. Outras geógrafas e geógrafos interessados em explorar as relações entre espaço, gênero e sexualidade também aparecem nas páginas da E&C, debatendo temas como a microterritorialização homoerótica (COSTA, 2010), as corporalidades (SILVA, 2010) e os territórios travestis (ORNAT, 2010).

Temas vinculados ao gênero e a sexualidade tornam-se, a partir de então, cada vez mais recorrentes na revista. No número dedicado as abordagens pós-coloniais na geografia, publicado em 2013, por exemplo, aparecem pesquisas com temáticas variadas como as estratégias espaciais das mulheres sem teto (MOREIRA, 2013) ou as imagens das mulheres brasileiras em Londres (TAMBKE, 2013). Mas foi apenas em 2015, na edição de número 38, que se organizou um dossiê especialmente voltado para as temáticas de gênero, diferença e lugar. O número, organizado por Mariana Lamego e Karina Arroyo, pesquisadora cuja formação também está ligada à história do NEPEC, é inteiro dedicado a questão de gênero e sexualidade na geografia, agrupando dez artigos, sendo nove deles escritos por mulheres. Este número representa o encontro e o reencontro de muitas mulheres com a E&C.

Além das editoras, cujas trajetórias se entrelaçam ao NEPEC, a capa foi ilustrada com uma imagem da antropóloga e fotógrafa Barbara Copque, que concebeu a primeira capa da E&C, então bolsista do NEPEC em 1998. Este número também oferece uma nova contribuição de Joseli Maria Silva na E&C, agora por meio de uma pesquisa em

colaboração com outros autores sobre as relações entre ONGs LGBT e espaços no sul do Brasil. Muitas outras autoras e autores compõem um grande mosaico temático, abordando questões como o impacto das remoções nas mulheres negras (RAUL, 2015), as vivências travestis nos espaços dos terreiros (NASCIMENTO e COSTA, 2015), ou a cobertura midiática da parada gay em São Paulo (ABRANCHES JR. e ALMEIDA NETO, 2015). Essa explosão de temas vinculados ao gênero e a diversidade também é fruto de uma intensificação dos debates nas mesas do Simpósio Internacional sobre Espaço e Cultura e dos grupos de trabalho sobre a temática, que ganharam ampla participação.

Observar a dinâmica de temáticas específicas ao longo da história da E&C é uma forma de evidenciar a dinamicidade e a criatividade da geografia cultural no Brasil. Uma característica inegável do campo, e mais especificamente, do ambiente criado pelo NEPEC na UERJ, foi sua fertilidade e abertura. Como argumenta Paulo Cesar da Costa Gomes, em texto publicado no primeiro volume comemorativo destes 25 anos da E&C (n. 48 de 2020), os Simpósios Internacionais sobre Espaço e Cultura “consolidaram um espaço de liberdade temática e teórico-metodológica na Geografia brasileira”, e esse caldeirão de ideias e experimentações é refletido nas páginas da E&C. Muitas temáticas e objetos vem ganhando espaço na revista, como os estudos sobre música (n. 45 de 2019), fluxos de redes de comunicação no universo digital (n. 43 de 2018), e relações entre festa, patrimônio e natureza (n.40 de 2016). É essa pluralidade temática que garantirá mais 25 anos para a E&C, que segue um espaço aberto e fértil para abarcar a polivocalidade necessária para uma geografia cultural consistente e comprometida.

A história da E&C, de gibi ao digital, foi coroada com a numerosa e grandiosa participação de colaboradoras e colaboradores nos dois volumes que marcam suas bodas de prata. Ainda em início do 2020, os editores lançaram convites para submissão de artigos para compor uma edição comemorativo. O critério para a escolha de possíveis autoras e autores era simples: gente que gosta da gente e contribuiu diretamente para a história da revista. Dito de outra forma, convidamos pesquisadoras e pesquisadores de dentro e de fora da geografia que desenvolveram algum vínculo com a Revista ou com sua casa, o NEPEC. Convites enviados, esperamos ansiosos pelas respostas. E para nossa surpresa, todos os convites, sem exceção, foram aceitos, e de forma entusiástica, agradecida, honrada e comovente. Confirmamos o que já sabíamos: a E&C tinha sido e é importante para um tantão de gente! Agora vejam... o número elevado de aceites nos levou a um maravilhoso problema! Não caberia tudo em uma só revista! Seriam precisas

duas edições para comportar as contribuições! Qual editor sempre às voltas e submetido às pressões em tempos de “fast food” acadêmico não adoraria esse problemão? Nós adoramos, e por isso, com essa imensa satisfação, entregamos às nossas queridas leitoras e queridos leitores esta segunda edição comemorativa dos 25 anos da E&C. Desfrutemos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANCHES JR., N; ALMEIDA NETO, A. M. de. Religião, Gênero e Território: discursos midiáticos da Parada Gay de São Paulo. *Espaço e Cultura*, n.38, Rio de Janeiro, jul.-dez, 2015.

ALVARENGA, A. (2013) A Produção Infográfica do Espaço e as Representações do Rio de Janeiro no *Second Life*. *Espaço e Cultura*, n.33, Rio de Janeiro, jan.-jun, 2013.

BARBOSA, J. L. A Favela na Cena da Cultura Urbana do Rio de Janeiro. *Espaço e Cultura*, n.36, Rio de Janeiro, jul.-dez. 2016.

BÜTTNER, M. et all. *Geographia Religionum*. Interdisziplinäre Schriftenreihe zur Religionsgeographie. Band 1. Berlin: Dietrich Reimer Verlag, 1985.

CÂMARA, M. A. Os Movimentos Sociais de Base Indígena e a Construção de Identidade Sócio territorial na Bolívia. *Espaço e Cultura*, n.19-20, Rio de Janeiro, jan.-dez. 2005.

CORRÊA, R. L. Formas simbólicas e espaço – algumas considerações. *Aurora Geography Journal*, v.1, p.11-19, 2007.

CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z (orgs). *Introdução à Geografia Cultural*. Editora Bertrand: Rio de Janeiro, 2003.

CORRÊA, R. L e ROSENDAHL, Z. A Geografia Cultural Brasileira: Uma Avaliação Preliminar. *Revista da ANPEGE (ON-LINE)*, v. 4, p. 89 – 108, - <http://www.anpege.org.br/revista/ojs2.2.2/index.php/anpege08/article/view/12/pdf5B> - 2008

COSTA, B. P. da. Espaço Social, Cultura e Território: o processo de microterritorialização homoerótica. *Espaço e Cultura*, n.27, Rio de Janeiro, jan.-jun., 2010.

FERRACINI, R.; MAIA, C. S. O Espetáculo na Praça: a roda de capoeira angola. *Espaço e Cultura*, n.22, Rio de Janeiro, jan.-jun. 2007.

FICKELER, P. “Questões fundamentais na geografia da religião”. *Espaço e Cultura*, n.7, pp. 7-35, Rio de Janeiro, jan.-jun. 1999.

FRANGELLI, P. *Gestão de um epicentro católico no Brasil: o Circuito Turístico Religioso do Vale do Paraíba Paulista/SP*. Tese (Doutorado em Geografia). Orientador: Scott William Hoefle, Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGEO/CCMN/UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

FRANCA, M. C. *Pequenos centros paulistas de função religiosa*. 1972.Universidade de São Paulo, São Paulo, 1972.

GOMES, P.C. da C. Identidade e Exílio: fundamentos para a compreensão da cultura. *Espaço e Cultura*, n.5, Rio de Janeiro, jan.-jun. 1998.

- GOMES, P.C. da C. A Paisagem Urbana como Cenário de uma Cultura: algumas observações a propósito do Canadá. *Espaço e Cultura*, n.17-18, Rio de Janeiro, jan.-dez. 2004.
- GOMES, P.C. da C.; RIBEIRO, L. A Produção de Imagens para a Pesquisa em Geografia. *Espaço e Cultura*, n.33, Rio de Janeiro, jan.-jun. 2013.
- HOEFFLE, S. W. Antropologia e Geografia: convergências e divergências históricas. *Espaço e Cultura*, n.22, Rio de Janeiro, jan.-jun. 2007.
- IÓRIO, G. S. Distensões e Representações do Sertão no Brasil: A Revista Interior (1974-1989). *Espaço e Cultura*, n.33, Rio de Janeiro, jan.-jun. 2013.
- KING, R. The pilgrimage to Mecca: some geographical and historical aspects. *Erdkunde*, vol. 26 (1972), p. 61-72.
- KONG, L. Geography and Religion: trends and prospects. *Progress in Human Geography* (1990) Vol. 14, No. 3, 355-71. Disponível em: <<http://profile.nus.edu.sg/fass/geokongl/pihg14.pdf>> Acesso em: 15 jan. 2012.
- LIRA, L. Percorrer o Espaço: a imagem do território na pintura de paisagens. *Espaço e Cultura*, n.29, Rio de Janeiro, jan.-jun. 2011.
- MACIEL, C. A. A. A Retórica da Paisagem: um instrumento de interpretação geográfica. *Espaço e Cultura*, n.26, Rio de Janeiro, jul.-dez. 2009.
- MASCARENHAS, G. A Mutante Dimensão Espacial do Futebol: forma simbólica e identidade. *Espaço e Cultura*, n. 19-20, Rio de Janeiro, jan.-dez. 2005.
- MONTEIRO, C. S. Cartografia, Arte e Visões de Mundo na Reprodução do “Mapa Invertido da América do Sul”. *Espaço e Cultura*, n.39, Rio de Janeiro, jan.-jun. 206.
- MOREIRA, M. F. Casa e Família na Geografia: estratégias espaciais de mulheres sem-teto na construção do lar. *Espaço e Cultura*, n.7, n.34, Rio de Janeiro, jul.-dez. 2013.
- NAME, L. Existe Amor na Baixada Fluminense: espaço, (homo)afetividade e dois casais em "Senhora do Destino". *Espaço e Cultura*, n.33, Rio de Janeiro, jan.-jun. 2013.
- NORTON, W. *Cultural geography: themes, concepts, analyses*. Oxford University Press, 2000.
- NOVAES, A. R. Uma Geografia Visual? Contribuições para o Uso das Imagens na Difusão do Conhecimento Geográfico *Espaço e Cultura*, n.30, Rio de Janeiro, jul-dez, 2011.
- NOVAES, A. R. Geografia e História da Arte: apontamentos para uma crítica à iconologia. *Espaço e Cultura*, n.33, Rio de Janeiro, jan.-jun. 2013.
- OLIVEIRA, J. R. de. Geografia, religião e mídia: novas interfaces do sagrado na era hipermoderna. *REVER*, São Paulo. v. 19, n. 3, set/dez 2019. DOI: <https://doi.org/10.23925/1677-1222.2019vol19i3a4>.
- ORNAT, M. Do Território Instituído ao Território Instituinte do Ser Travesti: algumas reflexões teóricas e metodológicas. *Espaço e Cultura*, n.27, Rio de Janeiro, jan.-jun. 2010.
- PARK, C. *Sacred Worlds: an introduction to geography and religion*. Routledge, London. 1994.

- PARK, C. Religion and geography. In: Hinnells, J. (ed.) *Routledge Companion to the Study of Religion*. London: Routledge, p.1-29, 2004.
- RAMAGEM, S. B. Eretz Yisroel: território e identidade judaica. *Espaço e Cultura*, n.6, Rio de Janeiro, jul-dez. 1998.
- RATTS, A. J. P. As Etnias e os Outros: as espacialidades dos encontros/confrontos. *Espaço e Cultura*, n.17-18, Rio de Janeiro, jan.-dez. 2004.
- RAUL, J. M. Mulheres Negras, Remoção e Alinhamentos Discursivo: a vida no bairro carioca de Triagem. *Espaço e Cultura*, n.38, Rio de Janeiro, jul.-dez. 2015.
- RELPH, E. *Place and Placelessness*. Londres: Pion Limited, 1976.
- RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência do lugar (trad. Eduardo Marandola Junior). In: MARANDOLA Jr, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. *Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia e fenomenologia*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 2012.
- RODRIGUES, L. Os Mapas Jornalísticos sobre as Unidades de Polícia Pacificadora como Representação Visual do Favelismo. *Espaço e Cultura*, n.39, Rio de Janeiro, jan.-jun. 2016.
- ROSE, G. Sobre a necessidade de se perguntar de que forma, exatamente, a geografia é visual? *Espaço e Cultura*, n.33, Rio de Janeiro, jan.-jun. 2013.
- ROSENDAHL, Z. *Porto das Caixas*. Espaço Sagrado da Baixada Fluminense. São Paulo. Departamento de Geografia, USP. Tese de Doutorado, 1994.
- ROSENDAHL, Z. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. 2º ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- ROSENDAHL, Z. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. 2º ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- ROSENDAHL, Z. *Primeiro a Obrigação, Depois a Devoção: estratégias da Igreja Católica no Brasil, de 1500 a 2005*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- ROSENDAHL, Z. “NEPEC: lugar onde fluem as ideias e se escreve sobre elas”. *Espaço e Cultura*, n. 33, pp. 13-26, jan.-jun. 2013
- ROSENDAHL, Z. *Uma procissão na geografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.
- ROSENDAHL, Z; CORREA, R. L. A Revista Espaço e Cultura: o texto e o contexto. *Espaço e Cultura*, n.48, Rio de Janeiro, jul.-dez. 2020.
- SANTOS, M. *A natureza do Espaço - técnica e tempo, razão e emoção*. 4º ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- SILVA, J. M. Geografias Feministas, Sexualidades e Corporalidades: desafios às práticas investigativas. *Espaço e Cultura*, n.27, Rio de Janeiro, jan.-jun. 2010.
- SOPHER, D. *Geography of Religions*. Prentice-Hall, New York, 1967.
- TAMBKE, E. Mulheres Brasil 40º: os estereótipos das mulheres brasileiras em Londres. *Espaço e Cultura*, n.34, Rio de Janeiro, jul.-dez. 2013.

TUAN. Yi-Fu. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.